

Autismo e Psicose Infantil

Exílio e Prisão de uma relação imaginária?

Anamaria Vasconcelos*

“... a teoria psicanalítica pode ser considerada um delírio no entanto, todo delírio não deixa de inscrever a verdade da história. “

Freud - Construção em Análise - 1937

Ao me debruçar na escrita desse tema , penso no quão vasta é a sua abordagem, faço assim um paralelo com as vicissitudes da vida humana. É sobre os seus primórdios que me dedico, quero dizer que é a criança, e com mais especificamente a sua organização, que me dedico , me apaixono , me envolvo e me faço tecer questões. O nascedouro disso tudo talvez eu nunca saiba por completo (no que algo pode ser completo), mas lembro de ainda muito criança ter me deparado com outra criança que, apesar de mais velha, parecia-me tão boba e, no entanto, todos os adultos que participavam daquela cena se inquietaram, foram convocados por aquela criança, com horror ou sorrisos nas faces, a se aproximarem e tecer comentários. Restando aos participantes dessa cena uma pergunta, por que tão perto e tão distante ? Por que essa diferença ?

Quando todos caminham em prol de uma globalização, quando o exato e o esperado ganham mais espaço , quando todos procuram um conceito, penso no grande contra-senso que é estarmos no séc. da criança. Se acreditamos na surpresa e no inesperado intrínsecos à criança não podemos nos deixar fascinar pelo óbvio e pela igualdade, pois é justamente da e na diferença que sustentamos um saber, “ um saber que não se sabe”, mas que pode nos levar ao conhecimento.

*Psicóloga, responsável pelo Atelier de Aprendizagem do Centro Médico Psicopedagógico infantil; Membro correspondente da Escola brasileira de Psicanálise – Delegação Pernambuco.

* Psicóloga ,responsável pelo Atelier de Aprendizagem do Centro Médico Psicopedagógico infantil; Membro correspondente da Escola brasileira de Psicanálise – Delegação Pernambuco.

Trabalho com crianças autistas e psicóticas desde 1985. Nesta época como professora, até então sem me aperceber de minha escolha. Posteriormente, quando o desafio de trabalhar com estas crianças me lançou perguntas acerca do que se tratava, entendi que, apesar de diferentes, ou talvez justamente por isso, guardavam cada uma sua particularidade. Eram crianças, primordialmente, no entanto, tinham transtornos graves no desenvolvimento. Mais adiante, na tentativa de responder a questões que pudessem ajudá-las melhor, descobri que eram crianças estruturadas na psicose infantil.

Um percurso teórico clínico foi construído até aqui. É através da clínica em um serviço público voltado para o tratamento de crianças portadoras de autismo e psicose infantil, que buscamos ver e executamos as possibilidades do tratamento de crianças acometidas de tais patologias. É neste serviço e na luta contínua para sua estruturação que pude entender que a transformação é possível. É justo nela que reside um olhar para o futuro, o trabalho é duro e cheio de questionamentos, no entanto, acreditamos fundamentalmente na criança e nas suas possibilidades. É por estar no registro simbólico que o homem é humano, é apostando na ampliação da capacidade simbólica da criança ou na possibilidade de inserção no campo simbólico que psiquiatra, psicólogo, psicanalista, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, auxiliar de enfermagem e de limpeza constituem-se numa equipe transdisciplinar, nomeada Centro Médico Psicopedagógico Infantil.

Como entendemos o autismo e a psicose Infantil?

Antes mesmo de falar sobre essa compreensão acerca do autismo e da psicose infantil, gostaria de esclarecer acerca da primeira pessoa do plural que aqui se coloca como anúncio do item que irei desenvolver, como também ao longo do percurso deste trabalho. Falo aqui no plural, na medida em que represento uma instituição que se dedica desde 1991 ao tratamento do autismo e da psicose infantil.

Várias são as concepções e compreensões acerca de tais patologias, que vão desde a neurobiologia até a teoria cognitiva. A nossa compreensão tem como base para nortear nossa prática clínica a psicanálise, sob a concepção teórica lacaniana.

Tudo isto quer dizer que acreditamos na constituição subjetiva do sujeito, como nascedouro da vida. Uma vida que vai implicar, mais adiante, no transcorrer dela mesma, em podermos falar de liberdade. Liberdade esta que pode ser definida e delimitada, no sentido pleno da palavra, por mais ambíguo que possa parecer, em uma construção do dizer. Dito de outra forma, de uma maneira mais simples, é na palavra e por ela que nos constituímos fundamentalmente em humanos. Na medida em que ela, através dos significantes e significações, presentifica e exprime a sexualidade e seus conflitos no drama edípico do ser humano. A linguagem nos põe e nos diferencia na condição de homem, ela atesta e nos coloca na ordem simbólica. No entanto, para que seja possível o acesso à linguagem, é necessário um Outro, melhor dizendo, é necessário que se estabeleça uma relação com um outro dentro de um âmbito imaginário, ancorada na estrutura simbólica.

Que sujeito nos fala a psicanálise?

O sujeito de que fala a psicanálise não é o sujeito enquanto denominação de uma pessoa. O sujeito de que nos fala a psicanálise, é o sujeito do inconsciente, esse que se constitui pela linguagem e que está para além de um organismo inserido num processo de historicidade. Esse sujeito é um sujeito cindido, que tem como nascedouro de sua subjetividade o que Lacan denominou como estágio do espelho, uma experiência de identificação, onde a criança conquista a imagem do seu corpo, modelo por excelência de uma relação imaginária.

O sujeito, para sua existência como tal, é falado desde muito antes de seu nascimento, a linguagem efetiva, o pré-existir. Colocando de uma outra maneira, o Outro fala sobre o sujeito antes de seu nascimento, garantindo e sendo a causa deste, apoiado em operações lógicas como a alienação e a separação. Diz Lacan em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, “...o sujeito se parece servo da linguagem, ele o é mais ainda de um

discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito desde seu nascimento, ainda que seja apenas sob a forma de nome próprio.”¹

A subjetivação na criança só é possível a partir de um Outro, que designa um lugar e ao mesmo tempo o sustenta, possibilitando assim o acesso a uma posição simbólica. No entanto, se faz necessário que esse Outro, encarnado primeiramente na figura da mãe, se encontre numa posição interrogante, de dúvida e, por se encontrar nessa posição, faça chamado a um terceiro; terceiro este que irá lhe assegurar uma posição menos vacilante, ao mesmo tempo que servirá de anteparo para um não aprisionamento nessa relação dita imaginária. Dito de outra forma, são os efeitos da existência de um pai que marcam o discurso da mãe e permite a estruturação do sujeito.

Proponho pensar de uma maneira clínica; quando nos chega os pais de uma criança, nas entrevistas iniciais, trazendo sua queixa acerca de “seu filho”, é comum fazer sua narrativa a partir de seu nascimento, em alguns casos até sobre as condições em que essa criança foi concebida, se foi “desejada” ou não, tal narrativa permeada, muitas vezes, por relatos de fatos que fizeram este momento de espera. No entanto o que nossos ouvidos vão apurar é como foi o estado dessa espera. Ansioso, triste, duvidoso, desejoso, indiferente? Como se imaginava frente a esse nascimento, cuidaria dele, sob que forma? Venderia ou entregaria para que outros cuidassem? Com quem se parecerá, com o pai, com a mãe, com a avó ou avô...? Isso significa que o sujeito é produto de uma história particular, cujas parcelas são desejos contraditórios, fantasias consciente e inconscientes determinadas pela história singular de um pai, uma mãe e de um casal, que estão inseridos numa trama que já os antecederam.

Não trazer em seu corpo (enquanto organismo) nenhuma marca de disfunção, não são garantias para uma assunção enquanto sujeito. Ao nascer, a criança precisa de outro para satisfazer suas necessidades, mas que não basta entregar-lhe uma mamadeira para que possa existir uma experiência de satisfação, mola propulsora do desejo, desejo este que nos coloca portanto numa posição diferenciada no reino animal. A experiência de satisfação se organiza, a partir do primeiro grito, quando a mãe o coloca em seus braços e vai lhe nomeando sentidos, melhor dizendo ofertando-lhe interpretações das mais variadas ao grito, movimento, reflexo e

necessidade. Essa oferta se torna possível na medida em que existe um olhar que ver para além de um conjunto de ossos e carne , que lhe antecipa um futuro, demarcando assim a ordem imaginária e real num âmbito simbólico. Portanto, a mãe vai mapeando o mundo para essa criança, tal mapeamento vai de acordo com o seu desejo e para que a criança venha a se interessar por essas coisas desse mundo se faz necessário que esse desejo esteja permeado pelo do pai. Em outras palavras, só na medida em que a mãe possa ser uma mediadora do discurso do pai é que essa criança poderá ver e se interessar pelas coisas do mundo.

Ser passante da palavra do pai, significa deixar cair o seu desejo em virtude do nome-do-pai. É deixar acontecer uma irrupção no seu discurso que quebra o prolongamento, a continuidade, a completude imaginária , que registra a marca da falta.

Jerusalinsky , ajuda-nos a entender melhor essa questão quando diz : ” ... o “desejar ao filho” gira em torno da forma como, na mãe, se estabelece a falta. Por isso toda relação com a criança parte de uma falha e uma irremissível incompletude. Mãe e filho não se suturam numa complementariedade satisfatória. Muito pelo contrário, reengendram, na dialética de seu desejo, uma brecha que o significante se esforçará em recobrir na mesma hora em que sua marca desgarrar mais uma região do imaginário”². Ainda Jerusalinsky : “ É importante sublinhar que o que permite a ruptura da continuidade entre mãe e filho é a intromissão de um discurso que, operando na mãe a castração simbólica, obriga ambos à referência a um terceiro. É precisamente desta referência que estamos falando quando mencionamos o significante fundamental. Sabemos que este Nome-do-Pai representa a lei da proibição incestuosa, e, por extensão, a restrição do gozo que lança a criança e a mãe no campo do desejo; desejo cujo objeto encontra no falo a simbolização essencial”³.

Ao nascer, o infans está a deriva. No entanto, o olhar materno, a palavra e o toque servirão de bússola para um além mar cujas espumas serão provas da construção desse senhor dos mares. Provas essas que serão “esquecidas” como tal, mas não cessarão de guiar a ele mesmo.

O estádio do Espelho.

A estádio do espelho, descrita por Lacan em 1936, é uma construção teórica, que demonstrará como se dá a primeira identificação que permitirá o surgimento do eu. Identificação imaginária que servirá de matriz para as outras identificações.

Lacan situa o estádio do espelho entre 6 e 18 meses. Até esse momento o bebê não tem nenhuma imagem constituída e é justamente nesse tempo que ele recebe a imagem que o outro lhe oferece, superando assim uma visão fragmentada do próprio corpo. É com alegria que esse bebê comemora o reconhecimento da própria imagem. Para se chegar a tal reconhecimento, houve inicialmente uma confusão um-outro, posteriormente “descobre” que ali tem uma imagem para culminar com a compreensão que tal imagem é a sua.

Lacan nos ensina que uma criança aos mais ou menos seis meses de idade, não tem maturação sensório-motora suficiente; no entanto, lhe é antecipada uma unidade corpórea, gerando assim uma tensão agressiva entre o eu e o outro especular. Tal tensão agressiva é também chamada por ele de rivalidade primordial que será resolvida através da alienação (ser fora de si).

No início desse trabalho foi colocado a nossa posição frente à criança, uma posição que não se define por uma questão existencial, mas sim por uma posição que nos coloca a psicanálise. Compreender, portanto, que a criança pode fazer algumas mudanças frente a uma determinada posição subjetiva, melhor dizendo, acreditar na possibilidade de uma criança vir a ter uma inscrição metafórica enquanto sujeito, baseia-se numa compreensão lógica do desenvolvimento infantil, num entendimento de que a consolidação de uma estrutura só se efetiva na adolescência e isto colocado desde Freud. Como também se baseia na possibilidade do analista poder circunstancialmente, numa posição de movimento, ocupar o lugar do Outro. Daí, portanto, a importância fundamental de uma intervenção precoce numa formação autística ou psicótica que poderá permitir uma mudança na inscrição dessa criança.

Diz Alfredo Jerusalinsky em “Falar uma criança”⁴: “ Não se pode predizer o destino de uma criança, porque nada pode assegurar o que o determinou, nem exatamente o lugar que ocupa, nem em que sentido irá correr, por algo que tem a ver com o campo da linguagem e que o situou, o articulou, lhe disse quem é e o lançou no campo das significações, a buscar um sentido para a sua vida. “

Atualmente, para nortear nossas intervenções priorizamos trabalhar com a diferença entre o autismo e a psicose infantil. Na medida que tal diferença nos conduz a intervenções e posições distintas frente ao tratamento. Tais estruturas se diferenciam pela relação do discurso em direção ao Outro ; no Autismo a relação se organiza pela exclusão, enquanto que na Psicose a organização se dá pela forclusão. O autismo e a psicose infantil são, portanto, duas condições distintas de uma não constituição do sujeito.

Volto agora, novamente, às minhas origens e, como sendo nascida no interior, lembro do quanto era comum dizer, quando uma mulher paria , que ela havia dado à luz; talvez esse dar à luz fizesse referência à saída da escuridão uterina, mas e sua significação? Quiçá a sabedoria popular não existisse. Novamente Freud já nos havia provado sua existência e é, sem dúvida nenhuma, ao olhar a maior referência nessa expressão. Olho, receptáculo da luz que delinea, recorta e marca a presença e investimento daquele que sustenta o lugar materno. Olhar...meio? ... Objeto sem dúvida, objeto que evoca e apreende o outro, objeto que ora assume uma posição passiva (enquanto reconhecimento da evocação) ora ativa (enquanto aquele que evoca), olho objeto que intermedia uma relação , sustentáculo da imagem.

O que diz respeito ao autismo?

Então, o que significa ter uma relação de exclusão com a linguagem? Anteriormente (à nível lógico) à falicização da criança e à entrega de atributos por aquele que exercerá a função materna, existe um tempo, tempo este talvez de um primeiro olhar, em que a mãe passará pela surpresa com aquele que chega. O momento em que ocorrerá o reconhecimento, não demandado (pela criança), e que será ultrapassado com a oferta de significantes. Penso

que é exatamente na impossibilidade desse reconhecimento e passagem para a oferta, que fica o autista. Fica então fora do sentido, fora de um olhar que o nomeie, caindo no vazio inscreve-se com esta única demanda, a de exclusão.

Dito de outra maneira, a criança é vista num puro real impedida, assim, de assumir um lugar de ideal. No autismo portanto, a operação de alienação fracassa, na medida que não houve oferta de algo para este ser identificar-se. Ficando sem uma imagem que o capte, a criança fica excluída da relação imaginária.

Penso que tanto Alfredo Jerusalinsky como Marie Christine Lasnik- Penot , psicanalistas que desenvolvem uma clínica de relevante importância no autismo e na psicose infantil, compartilham dessa compreensão. Vejamos o que eles dizem:

Alfredo Jerusalinsky coloca: “... no autismo, a criança fica completamente excluída de toda circulação simbólica e impossibilitada de constituir uma rede imaginária.” Um pouco adiante: “Mais ainda percebeu-se que tal exclusão é um efeito do modo como a função materna se instala, já que esta função não pode ser considerada como isolada do objeto que a compõe: o filho. Por isso, quando o Real, enquanto corpo do filho, irrompe como uma deformidade que contrasta no horizonte imaginário da mãe, a castração simbólica, que causava seu desejo de ter uma vergôntea, se torna castração real “⁵

Enquanto que Marie Christine Lasnik - Penot diz : “Me parece agora possível fazer a hipótese de um fracasso, nos autistas, do tempo de alienação da constituição do sujeito; e isso entre outros, pela impossibilidade ou recusa do enlaçamento do terceiro tempo pulsional - tempo onde o ich se faz objeto de um novo sujeito. Esta hipótese poderia se dar conta certamente do fato que se constata às vezes neles uma linguagem que não se encarna, e que parece depender de uma tomada num Outro simbólico-puro código , sem poder se articular com um Outro real que poderia encarná-lo, sem que exista tampouco no mesmo movimento acesso ao estádio do espelho e à constituição de um eu e à alienação imaginária que esta instância comporta”⁶.

E com relação à psicose infantil?

Foraclusão é um termo cuja etimologia está ligada ao corpo jurídico e que significa abolição simbólica de um direito que não foi exercido num prazo peremptório, prescrito.

Na psicose infantil a organização com o discurso passa com relação à foraclusão. Poderíamos dizer que ocorre uma não irrupção no discurso materno do Nome-do-pai, ficando assim prisioneiros de uma relação imaginária. Como este não reconhecimento do significante nome do pai, fica a criança colada ao Outro, permitindo assim um único sentido no discurso, o da completude.

Frente à dificuldade de aceitar a falta nela própria, à mãe, na psicose infantil, coloca no seu filho uma demanda tão contundente que não resta outra posição senão a alienação absoluta nesse Outro, fracassando portanto o momento de separação.

É portanto a abolição simbólica do nome-do-pai que Lacan refere, ao se utilizar do termo foraclusão para explicar o processo da psicose. Tal abolição nos ensina a psicanálise, não se constitui em apenas uma geração, ela vem se constituindo em ao menos três gerações anteriores. Dito de outra maneira, a eclosão da psicose infantil se dá quando o nome-do-pai não foi julgado no discurso materno pois foi prescrito no tempo, passou do prazo. Podemos nos perguntar e até é, a pergunta que algumas mães fazem: Porque nesse, quando tudo tinha para ser melhor? E o que nos surge como resposta talvez, seja o convite à busca das significações à convocação que a realidade lhe fez, e que a única forma de atender a tal convocação foi a prisão numa relação imaginária a esse filho. Culpada ou inocente? Certamente essa não é uma questão que entre em julgamento pois ela está para além da moral, para além da realidade, para além da vontade, ela é uma questão do inconsciente.

Jerusalinsky coloca que a linguagem ecológica da criança psicótica revela a colagem ao lado auto-erótico na reprodução de um único sentido; diz também que quando a criança fala em sintagma pode significar a tentativa de uma descolagem desse Outro, no entanto com a limitação de não possuir uma subjetividade.

Falamos acima sobre o momento da surpresa, em que a mãe se depara com este que está por vir, este tempo é um tempo lógico, mas o importante é que ele pode marcar ou a possibilidade de uma identificação simbólica (surgimento da filiação) ou a possibilidade de uma fixação na identificação imaginária, onde a criança fica presa no ser o falo da mãe, impossibilitada portanto de ter um discurso próprio. Presos ficam na impossibilidade de se separarem, diante da impossibilidade deste que ocupa a função materna de ser passante da palavra do pai.

Nos confirma Joël Dor : “ O processo da metáfora Nome-do-Pai só assegura sua função estruturante com relação ao desenvolvimento psíquico da criança na medida em que puder se desenvolver sobre a base do recalque originário do significante do desejo da mãe. Se esse recalque originário não se dá, todo o processo da metáfora do nome do pai é comprometido até mesmo fracassado”. Mais adiante ele continua : “Dizer que quando o Nome-do-Pai é foracluído, a metáfora paterna fracassa é inferir igualmente que a etiopatogenia das psicoses está submetida à dimensão do acesso ao simbólico”⁷.

À guisa de concluir...

Nos coloca o Aurélio:

Exílio: Expatriação forçada ou voluntária, degredado ou desterro, local onde reside o exilado.

Prisão: Ato ou efeito de prender, captura

Gostaria de usar a palavra conclusão naquilo que ela tenha de mais dinâmico e circunstancial, a vida é movimento, começo falando isso !

Então, para concluir citamos que o exílio está para o autismo assim como a prisão está para a psicose infantil frente ao registro do imaginário. Falo em exílio na medida em que tal palavra alude a um corte e ao mesmo tempo a uma ligação referente à origem e é nessa ambigüidade do existir que encontra-se o autista. Enquanto que tomamos como paralelo da condição do psicótico a palavra prisão, entendendo que esta palavra resguarda toda contundência da univocidade de uma relação dual. Exilados e prisioneiros da relação imaginária, marcam assim condições distintas frente ao acesso ao simbólico.

Na psicose não há faz de conta, é um mundo de reprise sem a possibilidade de mudar e por conta da repetição incessante inexistem reis ou rainhas, fadas ou bruxas, o castelo permanece fechado “para sempre” como que o da bela adormecida. E na condição de prisioneiros do Castelo Encantado fica-se na inexistência dele próprio. No autismo, a inexistência também acontece na medida em que estamos na exclusão da possibilidade de entrada nesse castelo. Ele se torna um vigilante de seu próprio exílio.

Referências

¹ Lacan, Jacques: in Escritos, coleção Debates, nº132, Editora Perspectiva, p.226

² Jerusalinsky, Alfredo: in “Psicanálise do autismo”, p.12

³ Idem, p.10

⁴ Jerusalinsky, Alfredo: in “Clínica de los problemas del desarrollo”, Escritos de la infancia, nº1, Publicación de F.E.P.I, p.37*

⁵ Jerusalinsky, Alfredo: in “Psicanálise do autismo”, p.93

⁶ Penot, Marie Christine Lasnik: in “O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas”, coleção psicanálise da criança, nº6, Ágalma, p. 47

⁷ Dor, Jöel: in “O pai e sua função em psicanálise” p.101

* A citação no texto foi transcrita em traduções livres ao português, realizadas pelo autor, com a finalidade de facilitar a leitura.

BIBLIOGRAFIA

- [1] DOR, Jöel ; “O pai e sua função em psicanálise”. Rio de Janeiro , Zahar Editor , 1991.
- [2] FELDSTEIN, Richard; FINK,Bruce; JAANUS, Maire (orgs); “Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”.Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1997.
- [3] FREUD, Sigmund;”Construções em análise”Rio de Janeiro, Imago,1980 .V.XXIII (Obras Completas).
- [4] JERUSALINSKY, Alfredo ; “Psicanálise do autismo”.Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- [5] JERUSALINSKY, Alfredo ; “Escritos de la Criança nº1” .Buenos Aires, Ediciones FEPI,1993.
- [6] LACAN, Jaques ; “ Debates nº 132”. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988.
- [7]LACAN, Jaques ; “ O seminário - livro 4”.Rio de Janeiro , Jorge Zahar Editores,1995.
- [8]LASNIK-PENOT, Marie Christine; “Coleção psicanálise da Criança nº6”. Salvador, Ágalma,1991.
- [9] VOLNOVICH, Jorge; “A psicose na criança”. Rio de Janeiro, Relume-Dumará,1993.